



**Escola Superior  
de Educação**

Politécnico de Coimbra

# **À descoberta de espaços verdes na cidade: uma intervenção no jardim de infância**

Departamento de Formação de Educadores e Professores

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

2025, Ana Jorge Antunes Carnim



**Escola Superior  
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Ana Jorge Antunes Carnim

À descoberta de espaços verdes na cidade: uma intervenção no jardim de infância

Relatório Final de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º. Ciclo do Ensino Básico,  
apresentado ao Departamento de Formação de Educadores e Professores da Escola Superior  
de Educação de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Trabalho realizado sob a orientação da Professora Doutora Maria Filomena Rodrigues Teixeira  
e da Mestre e Especialista Susana Maria Mendes Silveira

Outubro de 2025

## **À descoberta de espaços verdes na cidade: uma intervenção no jardim de infância**

Resumo:

Durante muitos anos, a exploração da natureza e a aprendizagem em contacto direto com o mundo natural foram sendo progressivamente desvalorizadas, o que levou ao afastamento gradual das crianças desses espaços. Face a esta realidade, e reconhecendo a necessidade de reaproximar as crianças da natureza, o presente Relatório Final propõe-se responder à questão “Qual o contributo de jardins na cidade para o brincar e a descoberta de espaços naturais?”, através de uma intervenção educativa em contexto de Jardim de Infância. Pretende-se compreender de que forma os jardins na cidade e a utilização de elementos naturais podem influenciar o brincar e o conhecimento do mundo natural.

A intervenção em contexto de Educação Pré-Escolar decorreu no ano letivo de 2020/2021, numa Instituição Particular de Solidariedade Social, na cidade de Coimbra. Esta teve como foco a articulação entre o contacto com a natureza, o Conhecimento do Mundo e a Formação Pessoal e Social, promovendo e valorizando o brincar em espaços naturais. A intervenção, intitulada “*À descoberta de espaços verdes na cidade*”, teve como ponto de partida a leitura de obras destinadas à infância, que serviram de inspiração para a exploração e descoberta do meio envolvente.

As crianças que participaram na intervenção tiveram a oportunidade de realizar duas saídas a espaços verdes da cidade de Coimbra — o Jardim da Sereia e o Jardim Botânico — onde puderam brincar livremente, explorar os espaços naturais e desenvolver o conhecimento e valorização do património natural e cultural. Estas experiências foram complementadas por atividades desenvolvidas em sala, no jardim de infância, onde se promoveu uma abordagem holística e integradora, articulando diferentes áreas do conhecimento. Foram organizadas conversas em grupo, partilha de ideias e momentos de exploração sensorial com elementos naturais trazidos para o interior da sala.

As crianças mobilizaram os seus sentidos — visão, olfato, tato, paladar e audição — na descoberta do ambiente natural que as rodeava. Constatou-se que, ao interagirem sensorialmente com a natureza, as crianças não só exploraram o mundo à sua volta, como também se descobriram a si próprias. Esta vivência proporcionou relações positivas com

o meio natural, fomentou atitudes de respeito e valorização da natureza, tendo ainda contribuído para o desenvolvimento de aprendizagens significativas e de competências como a criatividade, a curiosidade natural e a imaginação.

A divulgação final da intervenção permitiu refletir sobre o impacto positivo da educação em ambientes exteriores, evidenciando o seu potencial enquanto estratégia pedagógica promotora de experiências significativas e integradas.

**Palavras-chave:** Educação Pré-Escolar; Brincar; Brincar em contexto natural; Jardins.

### **Discovering natural spaces in the city: an intervention in kindergarten**

For many years, exploration of nature and learning through direct contact with the natural world have been progressively devalued, leading to the gradual distancing of children from these environments. Considering this reality, and recognising the need to reconnect children with nature, this Final Report seeks to answer the question: *“What is the contribution of urban gardens to play and the discovery of natural spaces?”* Through an educational intervention in a preschool setting, it aims to understand how urban gardens and the use of natural elements can influence children's play and their knowledge of the natural world.

The intervention took place during the 2020/2021 academic year, in a Private Institution of Social Solidarity located in the city of Coimbra, within the context of Early Childhood Education. The focus of the intervention was on the connection between contact with nature, Knowledge of the World, and Personal and Social Development, promoting and valuing play in natural spaces. Entitled *“Discovering green spaces in the city”*, the intervention was inspired by the reading of children’s literature, which served as a starting point for the exploration and discovery of the surrounding environment.

The children who participated in the project had the opportunity to go on two outings to green spaces in the city of Coimbra — Jardim da Sereia and the Botanical Garden — where they could play freely, explore natural environments, and develop knowledge and appreciation of natural and cultural heritage. These experiences were complemented by classroom-based activities in the kindergarten, where a holistic and integrated approach was fostered, connecting different areas of learning. Group discussions were held, ideas were shared, and sensory exploration moments were created using natural elements brought into the classroom.

The children engaged all their senses — sight, smell, touch, taste, and hearing — to discover and experience the natural environment around them. It was found that through sensory interaction with nature, children not only explore the world around them but also discover themselves. These experiences promoted positive relationships with the natural environment and encouraged attitudes of respect and appreciation for nature.

They also contributed to the development of meaningful learning and a variety of skills, such as creativity, natural curiosity, and imagination.

The final presentation of the intervention enabled reflection on the positive impact of outdoor education, highlighting its potential as a pedagogical strategy that promotes rich, meaningful, and integrated learning experiences.

Keywords: Early Childhood Education; To play; Play in a natural context; Gardens.

## Índice

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO 1 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....</b>	<b>4</b>
1.1. As crianças e a natureza .....	5
1.2. Brincar .....	6
1.3. Brincar no exterior .....	7
1.4. A Educação Pré-Escolar .....	8
<b>CAPÍTULO 2 – CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO EDUCATIVO .....</b>	<b>11</b>
2.1. Caraterização da instituição .....	12
2.2. Caracterização do grupo .....	13
2.3. Movimento da Escola Moderna .....	14
<b>CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>16</b>
3.1. Motivação .....	17
3.2. Contexto.....	17
3.3. Objetivos da intervenção .....	18
<b>CAPÍTULO 4 – PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....</b>	<b>20</b>
<b>CAPÍTULO 5 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>24</b>
5.1. Apresentação e análise dos dados .....	25
Atividade 1 – Leitura do livro “o Jardim” de Anna Walker .....	25
Saída de campo 1 – Jardim da Sereia .....	28
Pós-saída de campo 1 .....	32
Saída de campo 2 – Jardim Botânico da Universidade de Coimbra.....	37
Pós-saída de campo 2 .....	40
Avaliação e Divulgação das saídas de campo .....	45
5.2. Discussão de resultados .....	47
<b>CAPÍTULO 6 –CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>56</b>
Legislação consultada .....	58
<b>ANEXOS .....</b>	<b>60</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>67</b>

### Lista de abreviaturas

1. MEM – Metodologia da Escola Moderna
2. OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar
3. SMTUC – Serviços Municipalizados de Transportes Urbanos de Coimbra
4. SNIPI – Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância

### Lista de figuras

FIGURA 1 – LEITURA DA HISTÓRIA “O JARDIM” DE ANNA WALKER .....	25
FIGURA 2 – REGISTOS COM GIZ DE ELEMENTOS DA NATUREZA.....	27
FIGURA 3 – DESENHO DE BORBOLETAS COM GIZ .....	27
FIGURA 4 – OBSERVAÇÃO DO LAGO DO JARDIM DA SEREIA .....	330
FIGURA 5 – BRINCAR NO ESPAÇO JARDIM DA SEREIA .....	330
FIGURA 6 – REGISTO DO TRAJETO COM PROMENORES DO TRAJETO .....	35
FIGURA 7 - MAPA DO TRAJETO REALIZADO, DETALHANDO COM AS ÁRVORES ALTAS E UMA FONTE .....	35
FIGURA 8 – IMPRESSÃO COM FOLHAS NATURAIS .....	35
FIGURA 9 – RESULTADO DO DECALQUE COM FOLHAS NATURAIS .....	35
FIGURA 10 – COLAGEM DE PENAS RECOLHIDAS .....	36
FIGURA 11 – ELEMENTOS DA NATUREZA RECOLHIDOS NO JARDIM DA SEREIA .....	37
FIGURA 12 – BRICADEIRA LIVRE SOB A FIGUEIRA-ESTRANGULADORA .....	41
FIGURA 13 – ELABORAÇÃO DO REGISTO SOBRE O JARDIM BOTÂNICO .....	44
FIGURA 14 – MAPA DO TRAJETO REALIZADO NO JARDIM BOTÂNICO .....	27
FIGURA 15 – REGISTO COM DETALHES SOBRE O JARDIM BOTÂNICO .....	44
FIGURA 16 – COLEÇÃO DA NATUREZA .....	45
FIGURA 17 – EXPLORAÇÃO DOS ELEMENTOS RECOLHIDOS .....	45
FIGURA 18 – COLAGEM DE ELEMENTOS NATURAIS RECOLHIDOS .....	35
FIGURA 19 – ELABORAÇÃO DO CARTAZ DE DIVULGAÇÃO .....	35
FIGURA 20 – APRESENTAÇÃO DAS EVIDÊNCIAS DA INTERVENÇÃO.....	35

**Lista de quadros**

QUADRO 1 - CRONOGRAMA DA PROPOSTA..... 22



## **INTRODUÇÃO**

A relação entre a criança e a natureza tem vindo, ao longo das últimas décadas, a sofrer alterações significativas, fruto de transformações sociais, culturais e urbanísticas que condicionaram o tempo e o espaço de contacto direto com ambientes naturais. Este afastamento da experiência sensorial e lúdica ao ar livre tem levantado questões pertinentes quanto ao impacto no desenvolvimento integral da criança e na forma como esta constrói o seu conhecimento do mundo.

Nos dias de hoje, muitas crianças passam grande parte do seu tempo em ambientes educativos formais, geralmente em espaços interiores, onde as oportunidades de escolha e de exploração se encontram bastante limitadas. Esta realidade merece reflexão crítica, uma vez que reduz as oportunidades de contacto com o exterior e empobrece experiências essenciais ao desenvolvimento integral, como o brincar espontâneo, a descoberta sensorial e a interação com a natureza.

Neste contexto, a Educação Pré-Escolar assume um papel essencial na criação de oportunidades que favoreçam a aproximação das crianças ao meio natural, possibilitando-lhes vivências diversificadas que potenciem aprendizagens significativas, o desenvolvimento de competências sociais e emocionais e a construção de valores de respeito e responsabilidade ambiental. O brincar em contacto com a natureza constitui, assim, uma dimensão privilegiada para explorar, descobrir e compreender a realidade envolvente.

O presente relatório final resulta de uma intervenção pedagógica realizada em contexto de Educação Pré-Escolar e tem como objetivo principal compreender de que forma os espaços verdes da cidade podem contribuir para o brincar, a exploração e a valorização da natureza. Através da observação, da planificação e da implementação de atividades em jardins urbanos, procurou-se investigar o impacto destas experiências no desenvolvimento das crianças e refletir sobre a relevância da integração da educação ao ar livre como estratégia promotora de aprendizagens globais e integradas.

A estrutura do relatório organiza-se em seis capítulos: Enquadramento Teórico; Caracterização do Contexto Educativo; Procedimentos Metodológicos; Proposta de Intervenção; Apresentação e Análise dos Dados e Discussão dos Resultados; Considerações Finais.

Inicia-se com o enquadramento teórico em que foram consultados documentos científicos que sustentam a temática em estudo, centrando-se essencialmente na ligação entre a criança e os espaços naturais, explorando de que forma os espaços verdes da cidade podem funcionar como facilitadores do brincar e como espaços educativos que favorecem experiências sensoriais e aprendizagens significativas.

Segue-se a caracterização do contexto educativo onde a intervenção foi implementada, apresentando o grupo de crianças envolvido, bem como, a instituição e as suas especificidades.

Posteriormente, são apresentados os procedimentos metodológicos, expondo a contextualização da intervenção, as razões que motivaram a sua realização e os objetivos a que se propõe.

No quarto capítulo é apresentada a proposta de intervenção, os seus princípios e etapas.

Faz-se a apresentação, análise e discussão dos resultados, procurando interpretá-los à luz dos objetivos definidos.

Nas Considerações Finais é feita uma reflexão global sobre todo o percurso, considerando os objetivos inicialmente definidos, são também identificadas as limitações que surgiram ao longo do processo. Destaca-se, neste capítulo, a relevância de proporcionar às crianças um contacto próximo com a natureza, estimulando os sentidos, de forma a atribuir novos significados às descobertas realizadas.

## **CAPÍTULO 1 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

### **1.1. As crianças e a natureza**

O sentimento de ligação ao mundo é reconhecido como um fator essencial no desenvolvimento de uma orientação positiva em relação a si próprio, aos outros, à comunidade e à natureza. Este vínculo proporciona à educação um sentido profundo, fundamentando uma abordagem construtiva do mundo.

Em contextos naturais, as crianças dispõem de oportunidades privilegiadas para realizar múltiplas ações que contribuem para a ampliação do seu conhecimento acerca do mundo que as rodeia. Nestes ambientes, podem iniciar atividades baseadas nos seus próprios interesses, relatar e partilhar experiências pessoais, selecionar os materiais com que pretendem interagir, tomar decisões sobre a sua utilização e explorá-los de forma ativa, recorrendo a todos os sentidos no processo de descoberta e aprendizagem (Hohmann & Weikart, 1997).

Na obra de Neto (2020) é evidente a noção de que as crianças que estabelecem uma relação com o meio natural tendem a desenvolver-se melhor a nível social e emocional. Além disso, a ligação à natureza tem sido associada a níveis mais elevados de felicidade e a comportamentos mais sustentáveis e ecológicos entre as crianças. A compreensão da inter-relação entre o ser humano e o meio é fundamental para formar cidadãos e cidadãs conscientes e comprometidos/as com a preservação do planeta.

Portugal e Laevers (2018), afirmam que “o sentimento de ligação ao mundo relaciona-se com o desenvolvimento de uma orientação positiva relativamente a si próprio, aos outros, à comunidade e natureza. É o que confere sentido, ou valor à educação, estando na base de uma orientação pró-social e construtiva do mundo” (pp.36-37). Logo, promover o sentimento de ligação ao mundo contribui para a formação de cidadãos e cidadãs conscientes e atuantes na construção de uma sociedade mais justa e sustentável. Esta abordagem na formação integral do indivíduo reconhece a importância de cultivar sentimentos de pertencimento e responsabilidade em relação ao mundo que o rodeia.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) (Silva et al., 2016, p.90), abordam a importância do contacto com a natureza e seres vivos, na perspetiva da criação de oportunidades de vivência de experiências que permitam

“refletir, compreender e conhecer “as transformações que ocorrem no meio natural, bem como as características deste meio. Esta perspetiva, sustentada nas OCEPE faz referência à importância que o contacto com a natureza, pode ter para a sensibilização sobre o papel de cada indivíduo na preservação dos meios naturais.

## **1.2. Brincar**

Desde os primeiros anos de vida, a criança evidencia competências significativas, manifestando capacidade de escolha, tomada de decisão e interação social. Através de diferentes formas de expressão, sejam gestos, olhares ou palavras, revela a sua compreensão do mundo, demonstrando que, mesmo numa fase precoce do desenvolvimento, é um sujeito ativo na construção do conhecimento (Kishimoto, 2010). O brincar contribui para que a criança desenvolva competências ao nível da tomada de decisões e interação social, uma vez que, ao fazê-lo, cria as suas regras e traça os limites da brincadeira, explorando de forma espontânea o mundo que a rodeia.

O brincar, pela sua riqueza e complexidade, pode ser compreendido a partir de diferentes perspetivas. Segundo Ferreira (2021, p.1), para alguns autores, constitui sobretudo uma fonte de prazer, enquanto para outros assume o papel de meio privilegiado de desenvolvimento e de aprendizagem; no campo terapêutico, pode ainda ser entendido como instrumento de estimulação de novas competências. Independentemente da perspetiva adotada, é consensual que o brincar desempenha um papel essencial no desenvolvimento infantil, trazendo benefícios significativos nos domínios social, afetivo e cognitivo (Bento et. al. 2017). Para Neto (2020, p.43), brincar desenvolve a “capacidade adaptativa, criativa e de resiliência” essenciais para a resolução de problemas, uma vez que tornam cada criança mais independente.

Através da brincadeira, as crianças crescem, exploram e compreendem o mundo que as rodeia, enquanto expressam a sua individualidade e constroem a sua identidade. O brincar caracteriza-se, ainda, pela sua natureza voluntária: a criança cria as suas próprias regras, ajustando-as posteriormente em função das interações com os pares e das exigências do contexto (Ferreira, 2021). Este processo revela não apenas a capacidade de adaptação, mas também a competência de negociação que emerge no jogo infantil.

Apesar da sua relevância, a brincadeira ativa livre, sobretudo em espaços exteriores, tem vindo a tornar-se cada vez mais rara, sendo muitas vezes encarada como uma prática do passado (Hanscom, 2022, p.83). Esta constatação reforça a necessidade de repensar os contextos educativos e sociais, de modo a valorizar e preservar o brincar enquanto experiência fundamental na infância. É fundamental proporcionar à criança a liberdade de brincar em espaços exteriores, permitindo-lhe mover-se, correr, saltar, explorar e descobrir, de modo a estimular os seus sentidos e a desenvolver a sua motricidade.

### **1.3. Brincar no exterior**

Brincar ao ar livre vai além de uma simples atividade recreativa. Segundo Bilton et al. (2017), proporciona inúmeras oportunidades para que as crianças descubram e explorem novas sensações e aprendizagens, enriquecendo assim as suas experiências lúdicas. O contato direto com a natureza, desde tenra idade, contribui significativamente para a saúde e o bem-estar das crianças, promovendo o seu desenvolvimento integral.

A criança deve ter acesso a espaços exteriores que favoreçam a exploração, a observação e a experimentação, promovendo o desenvolvimento físico e cognitivo de forma integrada (Silva et al., 2016, p.29). O contato com o ambiente natural, segundo Neto (2020), oferece um meio crucial para que as crianças desenvolvam competências físicas, cognitivas, emocionais e sociais de forma mais livre e criativa. O autor destaca que esse contato permite às crianças experimentar sensações, conectar-se com o espaço ao seu redor e aperfeiçoar as suas competências motoras de maneira muito mais rica e autêntica do que as atividades *indoor* ou estruturadas conseguem proporcionar.

Para Neto (2020) brincar ao ar livre estimula as crianças a tomarem decisões, resolverem problemas, criarem jogos e histórias, e envolverem-se em atividades de risco, que são essenciais para o seu crescimento e desenvolvimento. Como refere o autor, “a nossa infância é profundamente marcada pelas experiências de contacto com a Natureza, efetuadas em companhia dos pais, educadores, amigos e também sozinhos (um percurso pela Natureza vale mais que dez bibliotecas)” (p. 151). Esse tipo de brincar também contribui para o desenvolvimento de um respeito profundo pelo meio e para a criação de

uma ligação emocional com a natureza, algo vital para a formação de cidadãos e cidadãs mais conscientes e preocupados/as com a sustentabilidade do Planeta.

Na interação com o ambiente natural, as crianças exploram novas sensações físicas e cognitivas, têm também oportunidade de desenvolver competências sociais, essenciais às convivências com os outros e o mundo. Durante as brincadeiras em grupo as crianças aprendem a trabalhar em equipa, a negociar e a resolver problemas de forma colaborativa, o que é fundamental para o desenvolvimento das aptidões de comunicação.

Bilton et al. (2017) salientam a urgência de se promover uma relação próxima entre a natureza e o tempo passado no exterior, destacando que “o despertar para o esplendor da Natureza está na base da ação pedagógica no exterior” (p.31). Neste sentido, defendem que será mais benéfico que estes conceitos se articulem, de forma a potenciar experiências educativas mais ricas e significativas para as crianças.

#### **1.4. A Educação Pré-Escolar**

A Educação Pré-Escolar é considerada “(...) a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida (...)” (Lei N.º 5/97, de 10 de fevereiro de 1997), destina-se a crianças com idades compreendidas entre os três anos e a idade em que ingressam no ensino básico, tendo um papel preponderante no desenvolvimento holístico das crianças. Importa referir que a Educação Pré-Escolar é universal, todas as crianças têm direito a usufruir desta oferta educativa, embora seja facultativa. Esta representa um dos momentos mais decisivos no percurso de desenvolvimento da criança. É nesta fase que se constroem os alicerces do aprender, do conviver e do ser, através de experiências que despertam a curiosidade, a imaginação e o desejo natural de descobrir o mundo.

Apesar de na Educação Pré-Escolar ser essencial que o educador/a siga a sua intuição, é fundamental aliar as decisões a fundamentação teórica. Destacam-se três documentos legais que permitem fomentar e aprimorar a organização e a gestão curricular, sendo determinantes para o desempenho profissional dos educadores de infância, nomeadamente: a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei n.º 46/86, de 14 de outubro de 1986), a Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar (Lei N.º 5/97, de 10 de fevereiro de 1997) e as OCEPE (Silva et al., 2016). Considerando os três documentos supracitados,

há um pensamento que é transversal a todos eles: a Educação Pré-Escolar é para as crianças e deve tê-las como o principal protagonista, entendendo a importância de um desenvolvimento global das competências, respeitando sempre a individualidade de cada um.

As OCEPE (Silva et al., 2016) apresentam quatro fundamentos e princípios educativos que educadores e educadoras devem considerar na sua prática, são eles: o desenvolvimento e aprendizagens como vertentes indissociáveis; a criança como sujeito do processo educativo; a resposta a todas as crianças e a construção articulada do saber. Nesta etapa é importante proporcionar diferentes experiências, sejam elas no âmbito da socialização, do contacto com formas de expressão variadas ou da cidadania, para um desenvolvimento pessoal e social saudáveis. As aprendizagens construídas durante a Educação Pré-Escolar vão ser alicerces para a edificação da personalidade da criança, aproveitando a sua curiosidade insaciável para que esta possa experimentar, descobrir e aprender com o mundo que a rodeia. Mais do que preparar para a escolaridade futura, a Educação Pré-Escolar tem como principal missão apoiar o desenvolvimento integral da criança. Em ambiente seguro, acolhedor e estimulante, promove-se o crescimento emocional, social, cognitivo e motor, respeitando sempre o ritmo e as características individuais de cada criança.

Através do brincar, da interação com os outros e da exploração do meio envolvente, as crianças desenvolvem competências fundamentais para a vida: aprendem a comunicar, a resolver conflitos, a pensar de forma crítica, a colaborar, a respeitar regras e a lidar com as emoções. Cada momento vivido em contexto pré-escolar é uma oportunidade para aprender com significado.

Outro aspeto fundamental é o envolvimento das famílias. Quando escola e família caminham lado a lado, o percurso da criança torna-se mais seguro e coerente. A comunicação constante, o respeito mútuo e a valorização do papel de cada um favorecem o bem-estar infantil e fortalecem os laços entre todos os que participam na sua educação.

Marchão (2021) descreve que esta fase do sistema educativo tem ganhado um reconhecimento crescente por parte da sociedade, não apenas como uma resposta à ausência das famílias durante o horário de trabalho, mas principalmente pelos impactos

positivos que proporciona no desenvolvimento e nas aprendizagens das crianças. A Educação Pré-Escolar tem um papel essencial na promoção da igualdade de oportunidades. Ao acolher todas as crianças, independentemente da sua origem ou condição, garante o acesso a experiências educativas de qualidade, contribuindo para combater desigualdades desde cedo.

## **CAPÍTULO 2 – CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO EDUCATIVO**

## 2.1. Caracterização da instituição

O local onde foi implementada a intervenção é uma Instituição de Solidariedade Social. Estas instituições “são constituídas por iniciativa de particulares, sem finalidade lucrativa, com o propósito de dar expressão organizada ao dever moral de solidariedade e de justiça entre os indivíduos, que não sejam administradas pelo Estado ou por um corpo autárquico, para prosseguir, entre outros, com objetivos de apoio social à família, crianças e jovens, idosos e integração social e comunitária, mediante a concessão de bens e a prestação de serviços.” (Instituto da Segurança Social, 2014, p. 4). Foi criada para dar resposta a necessidades de um grupo de pessoas que trabalhavam na zona geográfica onde se insere, cidade de Coimbra. Esta zona urbana da cidade dispõe, essencialmente, de comércio e serviços.

Atualmente, a instituição reparte-se em duas valências, a de Creche e a do Jardim de Infância, serve 130 crianças. A Creche conta com 45 crianças com idades compreendidas entre os 4 e 36 meses. O Jardim de Infância tem capacidade para 75 crianças dos 3 aos 5 anos de idade.

O edifício principal possui um salão de entrada, a secretaria, a cozinha, uma sala de Jardim de Infância, três casas de banho para crianças, uma casa de banho para pessoas adultas, um refeitório para crianças e um para adultos/as, um dormitório, uma sala de isolamento, serviços de lavandaria, quatro dispensas de arrumação e um pátio exterior. O espaço exterior, com uma área grande, divide-se em três partes, uma zona coberta, um canteiro de pequenas dimensões e duas zonas cimentadas, adornadas com algumas árvores de porte médio, uma das zonas pavimentadas possui baloiços.

A atuação da instituição assenta nos valores do modelo pedagógico do Movimento da Escola Moderna, promovendo o desenvolvimento social e moral das crianças num ambiente democrático. As pessoas adultas escutam atentamente as crianças e valorizam as suas necessidades, assegurando que estas são consideradas no quotidiano educativo. A equipa pedagógica atua de forma coesa, estimulando o desenvolvimento das crianças e incentivando-as a construir progressivamente a sua autonomia.

A relação da instituição com as famílias é ativa e cooperante, podendo acontecer a comunicação e participação sempre que solicitado e oportuno, apesar do surto de *Covid-*

19 ter obrigado a medidas severas de entrada e saída da instituição, o que compromete a participação das famílias tal como o Movimento da Escola Moderna prevê.

## **2.2. Caracterização do grupo**

O grupo da “Sala Azul” é constituído por 23 crianças, 13 do sexo masculino e 10 do sexo feminino, entre os 4 e os 6 anos, sendo que algumas delas se encontram no último ano da Educação Pré-Escolar e outras permanecerão mais um ano na instituição.

Ao nível do desenvolvimento, o grupo revela-se equilibrado, destacando-se algumas diferenças consideráveis. Duas das crianças beneficiam da assistência do SNIPI (Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância), com o apoio de uma professora do ensino especial que se desloca à instituição todas as quintas-feiras, e trabalha individualmente com cada uma delas. Para estas crianças não foram adotadas medidas específicas, cada uma era capaz, no seu tempo, de acompanhar o grupo e suas vivências.

À exceção de uma criança, que integrou o grupo a meio do ano letivo, ausentando-se no mês seguinte e não regressando até o término do estágio, todas as outras já tinham frequentado a instituição no ano anterior, pelo que apresentavam um grande à vontade com a metodologia adotada. As crianças do grupo são alegres, tendo uma boa relação com as rotinas, o espaço, os e as colegas e as pessoas adultas. São crianças autónomas, que exploram as várias potencialidades que o espaço oferece. Todas as propostas da educadora têm uma receptividade positiva e o grupo demonstra interesse por superar desafios e fazer novas descobertas.

“As relações e as interações que a criança estabelece com adultos e com outras crianças, assim como as experiências que lhe são proporcionadas pelos contextos sociais e físicos em que vive constituem oportunidades de aprendizagem, que vão contribuir para o seu desenvolvimento.” (Silva et al., 2016, p.8). As experiências vividas pelas crianças, proporcionadas pelo espaço, o contexto e, pela Educadora são fundamentais para o desenvolvimento global do grupo. A autonomia e sentido crítico que o grupo apresenta é fruto das dinâmicas da sala, em que cada criança tem oportunidade de se expressar e fazer escolhas, revelando um nível de independência significativo.

Importa referir que a instituição, no início do ano letivo, pede o consentimento às famílias para a captação e utilização da imagem das crianças.

### **2.3. Movimento da Escola Moderna**

O processo de ensino e aprendizagem baseia-se na construção da ação através da construção do saber, ocorrendo através do levantamento de aprendizagens pessoais e capacidades técnicas através de apoios reflexivos ou teóricos. É fundamental existir um clima livre de expressão, priorizando a valorização pública das experiências individuais, opiniões e ideias. Assim, é necessário ter em conta o espaço educativo envolvente, composto por seis áreas básicas de atividades (biblioteca e documentação, oficina da escrita e reprodução, laboratório de ciências e experiências, carpintaria e construção, atividades plásticas e outras expressões artísticas, espaços de brinquedos e “faz de contas”), uma área central polivalente para o trabalho coletivo e uma área de cultura e educação alimentar.

A sala deve ser agradável e estimulante, utilizada para expor os trabalhos elaborados pelas crianças, bem como o plano de atividades, a lista semanal dos projetos, o quadro semanal de distribuição de tarefas, o mapa de presenças e o diário de grupo. Os projetos são constituídos por cadeias de atividades elaboradas mensalmente, a partir das conversas de acolhimento da manhã trazidas pelas crianças, com vista a desenvolver e clarificar o problema vivenciado por estas. Assim, a planificação dos projetos baseia-se na formulação, balanço diagnóstico, divisão e distribuição de trabalho, realização do trabalho e a sua comunicação. As atividades desenvolvem-se no período da manhã e no período da tarde, estas desenrolam-se em diversos momentos, o acolhimento, a planificação em concelho, atividades e projetos, pausa, comunicações, almoço, atividades de recreio, atividade cultural coletiva e balanço em concelho.

Segundo Niza (2013), “os educadores (...) assumem como promotores da organização particular, dinamizadores da cooperação, animadores cívicos e morais do treino democrático, auditores ativos para provocarem a livre expressão e a atitude crítica” (p. 158). Para uma avaliação formativa eficaz é fundamental que o profissional recorra a dois tipos de observação: a observação formativa e a observação espontânea. Ambas

permitem recolher informações relevantes através de diferentes momentos do quotidiano educativo, como as interações e comunicações com as crianças, o acompanhamento dos seus processos de produção, o registo de ocorrências significativas no Diário de Grupo, bem como a promoção do debate e da reflexão em contexto de Conselho. Por outro lado, espera-se uma forte articulação entre a escola, as famílias e a comunidade reuniões de balanço de avaliações do grupo de crianças, bem como a garantia do desenvolvimento educativo deste.

A partilha tem uma função fundamental nesta pedagogia, em que que as crianças expressam a sua opinião e visão sobre as experiências vividas com o grupo (Folque, 2014), nesta partilha e reflexão a socialização com a comunidade é fundamental para que sejam divulgados os resultados obtidos.

### **CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

### **3.1. Motivação**

A presente proposta de intervenção surge da necessidade sentida de reforçar a ligação das crianças à natureza, através da criação de oportunidades reais de contacto com espaços exteriores, promovendo o brincar livre e a exploração do meio natural como parte integrante do processo pedagógico. Pretende-se valorizar o papel dos jardins urbanos enquanto contextos privilegiados de aprendizagem, explorando o seu potencial para estimular o desenvolvimento sensorial, cognitivo, emocional e social das crianças, fomentar a valorização do património natural e cultural da cidade, promover atitudes de respeito pela natureza e integrar, de forma articulada, diferentes áreas do saber numa abordagem pedagógica holística. A intervenção visa, assim, contribuir para a construção de experiências educativas significativas, demonstrando que o contacto intencional com a natureza pode favorecer o desenvolvimento integral da criança e consolidar o seu conhecimento do mundo que a rodeia

### **3.2. Contexto**

Durante o período de observação, em contexto de estágio, revelou-se importante o tempo que as crianças passavam no espaço exterior, uma vez que, mesmo com poucos recursos naturais, surgiam grandes brincadeiras para tornar o dia inesquecível. Neste contexto o ponto de partida para a intervenção pedagógica foi “Qual o contributo dos jardins da cidade para o brincar e a descoberta de espaços naturais?”.

Uma formiga, uma folha de árvore, um caracol ou até um bicho da conta transformaram-se sempre numa grande conversa, brincadeira e/ou exploração num espaço exterior em que o cimento vence a olhos nus, mas com os olhos de uma criança essa pequena parte da natureza revela-se superior em importância quando comparada com o cimento que as rodeia. Esta intervenção, tem o seu início neste interesse que as crianças revelaram em torno da natureza, bem como a interação que foi visível em todas os momentos passados no exterior da instituição.

Com esta intervenção, pretende-se preencher uma lacuna existente na maioria dos jardins de infância, quanto ao contacto com a natureza, mesmo no interior da cidade.

### 3.3. Objetivos da intervenção

Considerando o contexto apresentado, surgiu a ideia de proporcionar às crianças a possibilidade de contactarem com espaços naturais, procurando responder à questão “Qual o contributo de jardins na cidade para o brincar e a descoberta de espaços naturais?”. O objetivo principal é promover o contacto com a natureza e o brincar, através de saídas de campo a jardins na cidade.

Definiram-se outros objetivos para a intervenção:

- Sensibilizar para o valor dos espaços verdes na cidade;
- Promover a observação, experiência e descoberta de espaços ajardinados;
- Desenvolver a capacidade de orientação e reconhecimento de elementos de referência naturais nos jardins da cidade;
- Propiciar o brincar em jardins da cidade;

Na proposta de intervenção a Educadora Estagiária adotou um procedimento metodológico que incidiu na observação participante como método interativo, estabelecendo uma relação de proximidade com as crianças no seu contacto com o espaço exterior. Considerando Fonseca (2012), que determina que a observação participante “implica a presença do observador nos acontecimentos que observa” (p.25), esse envolvimento direto facilitou a recolha de dados. Neste sentido, os instrumentos de recolha de dados escolhidos foram, os registos em papel e a utilização de meios audiovisuais. A escolha destes instrumentos de recolha de dados considerou a obra de Bogdan e Biklen (2013) que os apresenta como “materiais em bruto que os investigadores recolhem no mundo que se encontram a estudar.” (p. 149).

Os registos em papel de todas as conversas em grande grupo e da informação recolhida pelas crianças (bloco de notas), sustentaram a observação direta realizada. Os registos escritos são fundamentais para o apontamento de dados uma vez que este método permite que o observador tenha a liberdade de registar tudo o que observa, meditando sobre a ideia defendida por Latorre (2005) que afirma que as notas de campo, uma vez que não estão previamente estruturadas, têm um ponto muito forte, a sua

abertura, podendo o observador registar os acontecimentos tal como ocorrem, sem premeditação do que pode acontecer e quando fazer o registo.

Os meios audiovisuais como fotografias, gravações áudio e vídeo foram instrumentos com relevante utilização no decorrer da intervenção. A escolha da utilização destes métodos de recolha foi sustentada pela perspectiva de Fonseca (2012), para o qual as fotografias são “fiáveis, credíveis e permitem uma análise retrospectiva dos assuntos.” (p.26), permitiram à observadora analisar os registos e até os resultados posteriormente, com uma perspectiva mais afastada dos acontecimentos. Na impossibilidade observar e registar toda a informação sobre os diversos momentos da intervenção, as fotografias permitem a quem observa refletir, posteriormente, sobre os as práticas.

As gravações áudio possibilitam “captar a interação verbal e registar as conversas de um modo detalhado.” (Fonseca, 2012, p.26), este instrumento de recolha de dados mostrou-se tão importante como os restantes, colmatando as lacunas que os registos em papel revelaram.

As gravações em vídeo juntam duas ferramentas fundamentais, as gravações áudio e a gravação da imagem em movimento, que para um/a investigador/a podem ter uma grande utilidade, uma vez que possibilitam a análise e complemento do que se ouve e vê.

A intervenção revelou uma abordagem metodológica baseada na observação participativa e no uso de distintos instrumentos de recolha de dados, cada um deles complementou a intervenção permitindo uma visão completa dos acontecimentos.

## **CAPÍTULO 4 – PROPOSTA DE INTERVENÇÃO**

A intervenção “À Descoberta de Espaços Verdes na Cidade” representa uma proposta pedagógica que tem em conta os princípios de uma pedagogia participativa e as OCEPE, que destacam a importância de encarar a criança como sujeito e agente ativo no seu desenvolvimento. De acordo com Silva et al. (2016, p.9), "o reconhecimento da capacidade da criança para construir o seu desenvolvimento e aprendizagem supõe encará-la como sujeito e agente do processo educativo, o que significa partir das suas experiências e valorizar os seus saberes e competências únicas, de modo que possa desenvolver todas as suas potencialidades." Este princípio fundamenta práticas pedagógicas que não apenas promovem a participação ativa das crianças, mas também respeitam os seus interesses e fomentam a sua autonomia, elementos essenciais para um processo de aprendizagem significativo.

Uma vez que as crianças já estavam familiarizadas com o modelo de educação e Movimento da Escola Moderna (MEM), foi mais fácil planear e organizar as atividades de maneira que fizesse sentido para elas, atendendo às suas preferências e necessidades. Como Silva et al. (2016, p. 15) salienta, “Planear não é, assim, prever um conjunto de propostas a cumprir exatamente, mas estar preparado para acolher as sugestões das crianças e integrar situações imprevistas que possam ser potenciadoras de aprendizagem.” Essa flexibilidade foi fundamental para que as atividades se adaptassem às sugestões das crianças ao longo da intervenção, garantindo uma aprendizagem mais espontânea e significativa.

A intervenção destaca-se por ser uma proposta atual, particularmente importante num período pós-pandemia, em que as crianças estiveram afastadas da interação com o ambiente natural devido ao confinamento. A exploração de espaços verdes urbanos oferece uma oportunidade única de reconectar as crianças com a natureza, proporcionando não apenas a curiosidade e a sensibilização ambiental, mas também o desenvolvimento de competências cognitivas, motoras e emocionais. A escolha do tema é particularmente pertinente, pois articula o conhecimento prévio das crianças, como as visitas a jardins feitas no período anterior à pandemia, com novas descobertas, fundamentando-se nos princípios da aprendizagem significativa.

Com o objetivo de cativar as crianças para a proposta, iniciou-se com leitura do livro “O Jardim”, de Anna Walker. As propostas de leitura e exploração de livros foram

sempre momentos apreciados pelo grupo. Esta etapa foi realizada ao ar livre, no espaço exterior da instituição, debaixo da sombra das árvores existentes. Após o momento de leitura seguiu-se uma atividade de registo com giz no chão, que ilustra uma abordagem interdisciplinar que integra educação literária, expressão artística e sensibilização para os espaços naturais. A utilização do espaço exterior da instituição como cenário de aprendizagem alarga o território educativo, reforçando a ideia de que a aprendizagem não se limita à sala, mas se estende ao “Conhecimento do mundo”.

Com o intuito de promover uma interação livre com os espaços naturais, a intervenção consistiu em levar as crianças da Sala Azul a visitar jardins na cidade de Coimbra. O objetivo era observar como as crianças se relacionavam com esses ambientes, procurando compreender os seus comportamentos durante a exploração, de forma livre e com o mínimo de orientação possível. Após estas saídas, foram realizadas algumas atividades orientadas com as informações e artefactos recolhidos durante esta etapa de exploração.

A intervenção foi realizada ao longo dos meses de junho e julho do ano letivo de 2020/2021, compondo-se por diversos momentos, tal como mostra o cronograma (Quadro 1).

#### **Quadro 1**

##### *Cronograma da intervenção*

	<b>Junho</b>	<b>Julho</b>
Atividade 1 – Leitura do livro “O Jardim” de Anna Walker	Dia 9	
Saída de campo 1 – Jardim da Sereia	Dia 11	
Pós-saída de campo 1	Do dia 11 ao dia 25	

Saída de campo 2 – Jardim Botânico da Universidade de Coimbra	Dia 29	
Pós-saída de campo 2	Do dia 29	Ao dia 9
Avaliação e divulgação		Do dia 12 ao dia 16

## **CAPÍTULO 5 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

### 5.1. Apresentação e análise dos dados

A intervenção intitula-se “À descoberta de espaços verdes na Cidade” e foi desenvolvida mediante uma sequência pedagógica em 3 etapas: i) envolvimento das crianças no planeamento de saídas de campo; ii) realização das saídas; iii) elaboração de documentos, avaliação e divulgação das saídas.

De acordo com a sequência de etapas anteriormente apresentada houve lugar a: uma atividade inicial da apresentação do livro e sua exploração, indutora da intervenção; duas saídas para o exterior; e, no pós-saída de campo, a elaboração de documentos, avaliação e divulgação da intervenção.

Para manter o anonimato das crianças codificou-se o grupo de crianças, utilizando o código C para “criança” seguido de um algarismo.

#### Atividade 1 – Leitura do livro “o Jardim” de Anna Walker

##### Objetivos:

- Manifestar opiniões sobre a história;
- Ser capaz de identificar elementos da natureza;
- Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas.

Figura 1

*Leitura da história "O Jardim" de Anna Walker*



## Descrição

A atividade planeada (apêndice 1) consistia na leitura da história “O Jardim” de Anna Walker, na parte exterior da instituição (figura1).

Após a leitura as crianças foram questionadas sobre o seu gosto pela história e se pretendiam partilhar a sua opinião sobre ela. O grupo gostou da história e quiseram participar e partilhar as suas ideias:

**C5:** “A menina gostava da natureza.”

**C18:** “A menina pintou no chão.”

**C2:** “A menina ficou triste porque na cidade não havia jardim. Depois encontrou um jardim fechado.”

**Educadora Estagiária:** “O que fez a Ema quando encontrou o jardim fechado?”

**C2:** “Ela foi para casa e plantou um jardim com a ajuda dos amigos.”

**Educadora Estagiária:** “Aqui na nossa cidade há algum local como o jardim da história?”

**Educadora:** “Antes do *Covid* lembram-se que íamos a uns jardins grandes?”

**C10:** “Antes do *Covid* nós íamos passear.”

**C15:** “Não há nenhum jardim fechado, mas há uns grandes abertos.”

**Educadora Estagiária:** “Lembraste do nome de algum?”

**C15:** “O Jardim da Sereia.”

Foi perceptível que as crianças mostraram interesse por sair da instituição e visitar ambos os espaços.

**Educadora Estagiária:** “Quero desafiar-vos a desenhar como a Ema no chão. Vamos utilizar giz e cada um vai registar no chão elementos da natureza.”

Os registos foram diversos (Anexo 1), tais como: borboletas, árvores, pedras, flores, entre outros elementos (figuras 2 e 3).

**Figura 2**

*Registos com giz de elementos da natureza*



**Figura 3**

*Desenho de borboletas com giz*



## **Avaliação**

A avaliação foi feita através da observação direta, tendo sido avaliados os seguintes parâmetros:

- Interesse pelo livro apresentado;
- Partilha de ideias suscitadas pela leitura do livro;
- Representação gráfica de elementos da natureza;
- Motivação das crianças para experienciar os jardins;

## **Reflexão**

Foi evidente o entusiasmo das crianças no decorrer da leitura do livro no espaço exterior da instituição, debaixo de uma árvore aí existente.

Através das questões orientadoras colocadas ao grupo, após a leitura da história e do diálogo estabelecido foi possível entender que o grupo revelou interesse em visitar e descobrir espaços verdes da cidade, sustentando o início da intervenção.

O momento de registos artísticos no chão com giz foi o que, visivelmente, mais agradou os mais pequenos pois “nunca antes pintaram o chão”. Cada criança registou-os mais variados elementos como, borboletas, flores, pássaros, árvores, entre outros. Inicialmente, algumas crianças mostraram-se confusas e inseguras sobre o que registar no chão, mas com a ajuda de uma conversa e motivação todas fizeram os seus registos. Durante o tempo em que produziam os registos foi interessante verificar as conversas que

as crianças tiveram entre si, a forma como liam e se pronunciavam sobre os “desenhos” dos/as colegas e até sobre os seus próprios, numa tentativa de apresentar a sua arte.

De um modo geral a atividade decorreu como planeado.

### **Saída de campo 1 – Jardim da Sereia**

Numa conversa, em grande grupo, dentro da sala, as crianças foram questionadas sobre o seu interesse em visitar espaços verdes da cidade. O entusiasmo em sair da instituição foi notório, bem como a vontade e curiosidade de “ver” os jardins que a C15 mencionou. Depois de todos concordarem com as saídas foi definido o que seria necessário para a sua realização. Entre todas as colaborações foi elaborada a seguinte lista:

- Chapéus;
- Material para registo escrito;
- Dispositivo para registo fotográfico;
- Trajeto realizado com caminhada;
- Um saco para guardar objetos;

As crianças foram interventivas no momento de criar a lista:

**Educadora Estagiária:** “Como é que podemos registar as coisas que virmos ou fizermos?”

**C15:** “Tu levas um papel e uma caneta e escreves.”

**C9:** “Tiras fotos com o teu telemóvel.”

**C5:** “Também podes gravar.”

**C11:** “Levas um saco para trazer coisas.”

**C21:** “Não podemos trazer animais, eles morrem.”

### **Objetivos**

- Enumerar o material necessário para a saída;
- Identificar pontos de reconhecimento de locais e usar mapas simples;
- Contactar com os elementos naturais;
- Usar o espaço para brincar;
- Manifestar comportamentos de preocupação com a conservação da natureza e respeitar o ambiente;

### **Descrição**

Ainda em sala, antes da saída para o exterior, foi lembrado o livro explorado anteriormente através de um reconto, em grande grupo, durante o acolhimento, depois das habituais rotinas e partilhas. Depois de estarem preparadas para a saída, foram relembradas as regras básicas que haviam sido estabelecidas em conjunto, a saber:

- Não podemos gritar para não interferir com as pessoas da cidade;
- Podemos conversar com os nossos amigos;
- Temos de passar na passadeira;
- Devemos dar a mão ao nosso colega.

Quando o grupo chegou ao Jardim da Sereia houve uma conversa sobre o objetivo da visita, isto é, explorar o espaço individualmente, podendo registar o que fosse encontrado ou observado. Após a delimitação de alguns “limites espaciais”, as crianças foram convidadas a descobrir o espaço. Enquanto algumas iniciaram de imediato, outras revelaram mais timidez, preferindo o auxílio de uma das pessoas adultas que as acompanhava para o fazerem. Com o decorrer do tempo foi visível que o grupo ficou mais à vontade com o espaço (figuras 4 e 5), aproveitando a natureza para as mais diversas brincadeiras como: jogo da apanhada; jogo das escondidas; trepar troncos; exploração dos solos; brincar de faz de conta com os objetos à disposição.

**Figura 4**

*Observação do lago do Jardim da Sereia*



**Figura 5**

*Brincar no espaço do Jardim da Sereia*



Durante o passeio pelo Jardim da Sereia as crianças pediram que fossem apontados alguns elementos observados, no bloco de registo (previamente preparado para o efeito), tais como:

- Borboletas;
- Pombas, uma das quais estava à procura de comida;
- Um “pássaro preto” (melro).

Algumas crianças mostraram interesse em saber o nome de algumas plantas, tendo sido informadas da existência de aplicações nos telemóveis que permitem descobrir esses nomes. A educadora estagiária aceitou a aplicação *Picture This*, que realiza o reconhecimento das plantas através de fotos capturadas no momento. Tirando partido da aplicação, foram identificadas espécies como, Ligustro (*Ligustrum lucidum*) Louro (*Lauros nobilis*) e Acanto (*Acanthus mollis*).

A educadora estagiária solicitou que o grupo se sentasse à sombra e escutasse os sons naturais. Quando questionados sobre o que ouviam responderam: passarinhos, pássaros, vespas, “sereias” e esquilos. Neste momento de partilha foi observado o espírito crítico, pois, o facto de uma criança dizer que ouviu uma “sereia” fez com que outras discordassem e gerou uma pequena discussão:

**Educadora Estagiária:** Vamos sentir a natureza. O que veem, ouvem e sentem?

**C13:** “Eu oiço um passarinho.”

**C2:** “Vi um pássaro preto com o bico laranja.”

**C3:** “Eu ouvi uma sereia.”

**C18:** “As sereias não existem!”

**C8:** “Existem, sim e vivem nos lagos.”

**C19:** “Eu vi uma vespa. Amarela e preta.”

### **Reflexão**

Esta foi a primeira saída do grupo em muito tempo, uma vez que a pandemia *Covid-19* impediu as saídas da instituição. A agitação foi perceptível antes, durante e após a saída até ao Jardim da Sereia.

No percurso até ao Jardim, foram partilhadas diversas conversas e a atenção das crianças centrou-se na observação do quotidiano da cidade. No entanto, ao atravessarmos a zona central da Praça da República, a presença das árvores despertou entusiasmo no grupo, que expressou contentamento por finalmente começarem a avistar elementos da natureza.

Durante o tempo de exploração as crianças demonstram respeito pelas regras e pelos limites espaciais que foram apresentados para a sua segurança. Inicialmente era evidente a atitude retraída do grupo face ao espaço “gigante” que tinha pela frente, mas com encorajamento todas puderam explorar o espaço da forma mais confortável para si. Ainda assim foi evidente a preocupação das crianças em ter uma pessoa adulta por perto.

Constatou-se que a exploração do espaço foi uma experiência única para cada criança - algumas delas preferiram ter o acompanhamento de uma pessoa adulta e isso foi respeitado; outras preferiram brincar e jogar com os e as colegas; outras preferiram estar sozinhas; algumas crianças quiseram registar o que foi observado. O processo de cada uma durante este momento foi diferente e único, mas o contentamento de estar no Jardim foi evidente.

### **Pós-saída de campo 1**

Depois do regresso houve uma conversa em grande grupo sobre a saída. As intervenções foram variadas e as crianças demonstraram muito interesse e atenção pelo que viram e recolheram:

**Educadora Estagiária:** “Gostaram do passeio?”

“Sim (geral).”

**Educadora Estagiária:** “Qual foi a cor que vimos mais durante a visita?”

“Verde (geral).”

**Educadora Estagiária:** “Porque é que vimos tanto verde?”

**C18:** “Por causa das árvores.”

**Educadora Estagiária:** “Como é que nós poderíamos mostrar aos outros meninos que não vieram e aos pais o que explorámos?”

**C21:** “Mostrar as fotos que tirámos.”

**Educadora Estagiária:** “Onde é que colocávamos as fotos?”

**C11:** “Metíamos num cartaz.”

**Educadora Estagiária:** “Tenho uma sugestão para vos dar. Podemos fazer um portefólio, que é uma capa onde colocamos as fotos, coisas que recolhemos e registar o que vimos. O que vos parece?”

“Sim (geral).”

**C11:** “Podemos fazer um projeto sobre isto.”

**C11:** “Podemos fazer uma coleção com os paus, pedras e folhas que apanhámos.”

**Educadora Estagiária:** “Onde é que guardávamos a coleção?”

**C22:** “Numa caixa.”

**C21:** “Guardamos na área das ciências.”

**Educadora Estagiária:** “Gostavam de visitar mais espaços verdes da cidade?”

“Sim (geral).”

**C10:** “Poderíamos ir ao Jardim Zoológico.”

**C15:** “por causa do Covid-19 não podemos andar de transportes, temos de andar a pé, por isso têm de ser sítios perto.”

**Educadora Estagiária:** “Conhecem mais algum sítio (verde) na cidade?”

A educadora ajudou-os a lembrarem-se do Jardim Botânico.

**C15:** “Podíamos visitar o Jardim Botânico.”

**Educadora Estagiária:** “Gostavam?”

“Sim (geral).”

**Educadora Estagiária:** “Acham que estes espaços verdes da cidade são importantes?”

“Sim (geral).”

**Educadora Estagiária:** “Porquê?”

**C10:** “Porque a natureza é muito importante. É importante, muito importante para os bichinhos comerem folhas.”

**C21:** “Faz bem para nós estarmos lá a descansar.”

**C18:** “Faz bem para nós brincarmos.”

**C11:** “A natureza faz bem à nossa saúde.”

**Educadora Estagiária:** “O que é que a natureza dá à nossa saúde?”

**C10:** “Não sei.”

**Educadora Estagiária:** “O que é que as árvores fazem? Elas dão-nos uma coisa muito importante.”

**C21:** “Respirar.”

**Educadora Estagiária:** “E nós respiramos o quê?”

**C21:** “Oxigénio.”

**Educadora Estagiária:** “Então se as árvores nos dão oxigénio. Podemos dizer que os espaços verdes são os pulmões da cidade.”

**C2:** “Se não tivéssemos árvores morríamos.”

**Educadora Estagiária:** “Sendo assim, o que é que devemos fazer quando vamos a estes espaços?”

(Silêncio)

“Devemos cuidar, não sujar e não estragar estes locais.”

**C8:** “Eu mostrei lixo no chão à Rute.”

**C5:** “Se não as pessoas quando vão lá está tudo estragado.”

**C18:** “Há lá frutos.”

**Educadora Estagiária:** “Quem é que come os frutos?”

**C5:** “Os animais.”

**Educadora Estagiária:** “Então percebemos que estes espaços verdes da cidade são a casa de alguns animais.”

**C9:** “Não podemos queimar a natureza.”

Foi proposto ao grupo que elaborasse um mapa do trajeto realizado até ao Jardim da Sereia, evidenciando pontos de referência que lhes servissem de orientação e reconhecimento do espaço. Os registos foram variados (Anexo 2), alguns foram sucintos e apresentaram linhas mais gerais do trajeto, outros foram detalhados, apresentado características minuciosas, como um lago pelo qual passámos (figuras 6 e 7).

**Figura 6**

*Registo do trajeto com pormenores do trajeto*



**Figura 7**

*Mapa do trajeto realizado, detalhando com as árvores altas e uma fonte.*



As crianças quiseram partilhar com a Educadora Estagiária o seu registo, algumas explicitaram de forma autónoma.

Posteriormente, foi sugerido que as crianças experimentassem a técnica de carimbo das folhas que encontraram para juntar ao portefólio. A escolha da cor foi livre e o lado da folha (planta) que queriam utilizar também, o resultado pode ser visto nas figuras 8 e 9. Adjacente a este registo estava a foto das folhas para que as crianças, posteriormente, pudessem comparar o registo e a realidade.

**Figura 8**

*Impressão com folhas naturais*



**Figura 9**

*Resultado do decalque com folhas naturais*



Uma das crianças mostrou interesse em colar as penas que encontraram numa folha A4 e escrever (figura 10).

**Figura 10**

*Colagem de penas  
recolhidas*



## **Reflexão**

O tratamento de informação da saída de campo para o Jardim da Sereia foi realizado em vários dias, nomeadamente, quando as crianças mostravam interesse em participar na intervenção.

A conversa de avaliação da saída foi realizada em grande grupo e logo após o regresso à instituição para que a informação ainda estivesse presente e as intervenções fossem variadas. Foi constatado que as crianças revelaram sentido crítico no que diz respeito ao que observaram e o que fazer com os dados que recolheram. A importância de preservar o mundo natural foi evidente, revelando reflexão sobre o mundo que as rodeia.

A saída criou oportunidades de explorar diferentes áreas de conteúdo, com as diversas sugestões e explorações realizadas. O registo do mapa, contribuiu para o desenvolvimento da localização espacial, sendo divergentes os registos de cada criança, tendo umas sido minuciosas e outras menos detalhadas acerca do trajeto.

A ideia de construir uma coleção de paus pedras e folhas (figura 11) e colocá-la na área das ciências revela uma consciência sobre o que pode ser integrado neste espaço.

**Figura 11**

*Elementos da natureza recolhidos no Jardim da Sereia*



Todos os objetos recolhidos foram tratados com respeito e cuidado até que tivessem um local definitivo. Quando as duas crianças carimbaram as folhas, foi evidente a sua satisfação e espanto com o resultado, experimentando assim uma nova forma de expressão artística.

Em suma, o tratamento da informação da saída de campo 1, ao Jardim da Sereia, revelou-se positivo, não só pelas participações de cada um dos intervenientes, mas também pelo entusiasmo revelado nas atividades e recolhas realizadas.

## **Saída de campo 2 – Jardim Botânico da Universidade de Coimbra**

### **Objetivos**

- Observar o espaço e suas vivências;
- Reconhecer possibilidades de uso do espaço;
- Identificar pontos de reconhecimento do local;
- Contactar, experienciar e descobrir os elementos naturais;
- Usar o espaço para brincar;
- Manifestar comportamentos de preocupação com a conservação da natureza e respeito pelo ambiente;

## Descrição

Antes da saída para o Jardim Botânico da Universidade de Coimbra foram lembradas algumas regras previamente estabelecidas, tais como: respeitar os/as colegas e as pessoas adultas; manter a ordem durante o percurso; no jardim, cada criança pode explorar o espaço, desde que o respeite.

Quando as crianças chegaram ao Jardim Botânico foram divididas em três pequenos grupos, cada um dos quais explorou o espaço com a supervisão de uma pessoa adulta. Contrariamente à primeira saída ao exterior, desta vez, as crianças mostraram interesse imediato em explorar livremente os espaços do Jardim Botânico.

Nos diálogos que aconteceram ao longo dos trajetos, foram contemplados assuntos diversos, como: um grupo de pessoas idosas que praticava exercício ao ar livre e que não passou despercebido aos mais novos que conversaram sobre a possibilidade proporcionada pelo espaço; tutores que passeavam os seus cães; os nomes das espécies; casais que caminhavam ou conversavam pelo espaço e que despertaram a curiosidade; a forma geométrica do Quadrado Central do Jardim Botânico e o pormenor de ser labiríntico. O Quadrado Central com o seu “labirinto” e o lago tornaram-se um espaço de muita correria, brincadeira livre, observação e exploração. As crianças ficaram deslumbradas com as diversas possibilidades proporcionadas pelo espaço. A brincadeira e o jogo foram os “reis” do momento, o jogo das escondidas e da apanhada tiveram outro encanto uma vez que eram tantos os locais para onde ir. Se o momento anterior se revelou de grande entusiasmo, a descoberta da Figueira-estranguladora constituiu o ponto alto desta saída ao exterior. As crianças mostraram-se surpreendidas e fascinadas com as raízes que emergiam do solo. Este cenário despertou a imaginação do grupo, que, envolvido pela atmosfera do local, passou a encenar um mundo fantástico habitado por fadas e duendes (figura 12).

**Figura 12**

*Brincadeira livre sob a  
Figueira-estranguladora*



No saco de recolhas o grupo levou para a sala alguns objetos como: paus; folhas; pedras; flores.

Quase no fim da visita a criança C. falou sobre o aqueduto e a sua função. Foi um momento de muita atenção e interesse tendo sido partilhado um pouco da história do monumento e da sua importância para a cidade em tempo passados.

### **Reflexão**

Nesta saída para o exterior o grupo mostrou-se mais confiante uma vez que já tinha vivenciado a experiência da saída para o Jardim da Sereia. Tentou-se que o trajeto realizado para chegar ao destino fosse ligeiramente diferente do anterior, pormenor que foi notado pelas crianças que rapidamente afirmaram que aquele caminho era diferente do anterior pois desta vez estavam a ver as árvores grandes do outro lado da rua.

Durante a visita ao espaço do Jardim Botânico as crianças revelaram capacidade de observação da fauna e flora, mas também da atividade humana. O diálogo aconteceu com muita frequência, sobretudo entre crianças que falavam sobre o que observavam, mas também com as pessoas adultas com perguntas sobre o que as rodeava. Destes pequenos e grandes diálogos pode constatar-se uma grande vontade em, não só, viver o momento, mas também partilhar opiniões e sentimentos experienciados naquele espaço.

O Quadrado Central e a Figueira estranguladora foram os espaços onde as crianças procuraram menos o apoio das pessoas adultas, pois as possibilidades de jogar e brincar livremente revelaram-se tão vastas que, aproveitá-las, se tornou a missão de cada uma. As raízes da Figueira-estranguladora que emergem do chão, criaram um ambiente de magia, tendo a imaginação tomado conta do momento e cada criança foi uma personagem encantada numa narrativa de fantasia.

Considera-se que esta saída ao Jardim Botânico revelou ser fonte de diversas aprendizagens tendo sido alcançados os objetivos inicialmente propostos. As crianças envolveram-se na exploração e descoberta do espaço, revelando capacidade de observação e interpretação das vivências experienciadas.

### **Pós-saída de campo 2**

Após a visita, já na sala, houve um momento de partilha sobre o que foi observado e vivido, esta conversa aconteceu em grande grupo.

**Educadora Estagiária:** “O que observaram no Jardim Botânico?”

**C11:** “Pedras, achámos folhas e paus.”

**C9:** “Vimos raízes das árvores grandes.”

**Educadora Estagiária:** “As árvores com as grandes raízes são muito velhinhas.”

**C21:** “Areia, flores e árvores.”

**C7:** “Peixes na água, vimos uma casinha com uma santa.”

**C13:** “Flores, animais, pássaros pombas e ouvimos esquilos.”

**C8:** “Ouvimos rãs, vimos uma flor muito estranha, roxa.”

**Educadora Estagiária:** “O nome dessa flor é Acanto e já a vimos no Jardim da Sereia.”

**C5:** “Peixes, flores.”

**C4:** “Vimos um labirinto e um lago.”

**C15:** “Vimos bambus e a casa com a santa.”

**C2:** “A natureza também dá para brincar.”

**C9:** “Vimos os nomes das árvores nas placas. Gostei de brincar na árvore com muitas raízes e também gostei de brincar no labirinto.”

**C21:** “Gostei do labirinto, da fonte e do lago que tinha muitos peixinhos coloridos”

**C8:** “Vimos peixinhos, vimos uma flor que dava para pôr na orelha. Gostei de ouvir as rãs.”

**C13:** “Recolhemos coisas que estavam no chão.”

**C9:** “Vimos um poço. Vimos um grupo de idosos.”

**C21:** “Estavam a fazer exercício.”

**C8:** “Podemos levar animais de estimação.”

**C2:** “Quando saímos vimos uma senhora com dois cães.”

**C8:** “Não podemos sujar, nem pisar as plantas.”

**C10:** “Não podemos matar bichos.”

Depois de partilhadas as observações realizadas pelo grupo, com o apoio da Educadora Estagiária, foram sintetizadas ideias, organizando assim a informação.

Foi proposto ao grupo que elaborasse o registo gráfico ilustrativo da experiência vivida e das aprendizagens realizadas no Jardim Botânico (figura 13).

**Figura 13**

*Elaboração do registo sobre o Jardim Botânico*



Os registos foram variados e espontâneos (Anexo 3), uns com mais informação visual que outros, mas cada um com a sua visão da saída (figuras 14 e 15).

**Figura 14**

*Mapa do trajeto realizado no Jardim Botânico*



**Figura 15**

*Registo com detalhes sobre o Jardim Botânico*



Posteriormente foi disponibilizado um computador à sala. Um grupo de crianças expressou interesse em utilizar o equipamento para pesquisar e organizar informação e dados recolhidos. Em conjunto com a Educadora Estagiária foi definido que o computador seria utilizado para pesquisar sobre as espécies da fauna e flora observadas nos dois jardins visitados, elaborando documentos com fotos e nome das espécies. Numa primeira

fase, os documentos criados apenas continham fotos e nome das espécies. Na fase posterior, os documentos incluíam uma foto da espécie e o registo gráfico realizado pelas crianças, com o objetivo que o grupo sentisse que as suas representações eram formas de documentar.

Depois do saco de recolhas esvaziado, os objetos foram divididos por algumas crianças e escolhidos para a coleção de paus, pedras e folhas. À coleção, as crianças deram o nome de Coleção da Natureza (figura 16) que foi organizada e foi integrada na área das ciências.

**Figura 16**

*Coleção da Natureza*



Algumas crianças decidiram fazer construções (figura 17) e colagens (figura 18) com alguns dos objetos que foram recolhidos na saída, posteriormente partilharam com o grupo as suas obras.

**Figura 17**

*Exploração dos elementos recolhidos*



**Figura 18**

*Colagem de elementos naturais recolhidos*



Um pequeno grupo de crianças demonstrou interesse em realizar carimbos novamente com as folhas novas que foram recolhidas. Desta vez mais crianças quiseram experimentar a técnica. As crianças que já dominavam a técnica ajudaram as crianças que estavam a experimentá-la pela primeira vez.

### **Reflexão**

A visita ao Jardim Botânico revelou-se proveitosa, tendo não só cumprido, como superado, os objetivos inicialmente propostos.

A conversa em grande grupo promoveu uma participação ativa das crianças, tendo havido contributos de natureza descritiva e detalhada. As crianças revelaram que durante a visita observaram o que as rodeava, tendo posteriormente verbalizado as suas ideias sobre a utilização dos espaços verdes, tais como: prática de exercício físico; passeio de animais domésticos; observação da natureza; preservação da natureza; possibilidade de brincar.

O tratamento dos dados recolhidos nesta segunda saída ao exterior para o Jardim Botânico, corrobora o trabalho realizado anteriormente. A técnica de carimbagem foi introduzida no pós primeira saída e na segunda saída as crianças demonstraram interesse em voltar a utilizá-la como forma de expressão. Ainda assim houve espaço para acrescentar experiências, como a utilização do computador.

Após os vários registos realizados foi tempo de elaborar o portefólio. Nesta etapa, nem todas as crianças quiseram participar, decisão respeitada, reduzindo o número de participantes que ajudaram a organizar o portefólio. O portefólio foi dividido em dois capítulos principais, o do Jardim da Sereia e Jardim Botânico, cada um deles subdividido em partes. Todos eles foram devidamente identificados com um título e com um registo gráfico realizado por diferentes crianças, para que as palavras tivessem uma representação associada.

### **Avaliação e Divulgação das saídas de campo**

A forma de divulgação escolhida pelo grupo consistiu na elaboração de um cartaz de grandes dimensões (figura 19), com registos gráficos individuais relacionados com a intervenção. Esta ideia partiu de uma criança e foi prontamente aceite por todo o grupo, evidenciando a escuta ativa e o respeito pelas propostas das crianças.

**Figura 19**

*Elaboração do cartaz de divulgação*



A finalizar a intervenção, considerou-se pertinente apresentar o portefólio, mostrar a coleção de elementos naturais reunida durante as saídas e revelar o cartaz final (figura 20).

**Figura 20**

*Apresentação das evidências da intervenção*



Importa referir que todas as crianças participaram ativamente nas atividades realizadas, embora com envolvimento distinto, o que é natural num grupo heterogéneo.

Durante uma conversa em grande grupo, foi feita a apresentação formal da intervenção “À descoberta de espaços verdes na cidade”, destacando-se as principais ideias, os materiais produzidos ao longo do processo e o cartaz de divulgação. Desta partilha, emergiram várias intervenções espontâneas por parte das crianças, refletindo o seu envolvimento e compreensão das vivências experienciadas.

**C5:** “O projeto é sobre a natureza e chama-se “À descoberta de espaços verdes na cidade”.

**C6:** “Fomos ao Jardim da Sereia e ao Jardim Botânico. Recolhemos muitas coisas.”

**C11:** “ Fizemos uma coleção de paus, pedras, folhas e penas.”

**C20:** “Brincámos e descansámos. A natureza faz bem à saúde.”

**C21:** “As árvores dão-nos oxigénio, sem elas não vivemos.”

**C2:** “Os espaços verdes são muito importantes. São a casa de muitos animais.”

**C9:** “Não devemos estragar a natureza”

**C8:** “Não devemos estragar os jardins porque quando vão lá outras pessoas está tudo estragado.”

**C4:** “Não devemos deitar lixo no chão dos espaços verdes.”

**C9:** “Não devemos cortar árvores só quando estiverem doentes.

**C19:** “Devemos cuidar, não sujar e não estragar os jardins.”

**C15:** “Vimos várias coisas nos jardins. Aprendemos e fizemos vários trabalhos, desenhos, pesquisas e carimbos que pusemos no portefólio. Vivemos muitas aventuras.”

Após o término da intervenção, o cartaz permaneceu afixado no corredor de acesso à instituição para que as famílias e crianças pudessem contemplar o resultado da intervenção realizada. A coleção de objetos da natureza, bem como o portefólio, ficaram algum tempo na sala, passando a integrar a área das ciências para que as crianças pudessem usufruir dos elementos encontrados e das suas criações.

## **5.2. Discussão de resultados**

A intervenção “À descoberta de espaços verdes na cidade” revelou-se uma experiência significativa, tanto para as crianças envolvidas como para as pessoas adultas que acompanharam o processo. Respeitou os interesses e ritmos do grupo, permitindo que as crianças fossem protagonistas ativas da sua aprendizagem, explorando, questionando e construindo conhecimento a partir da observação direta de espaços naturais. Desde a leitura inicial do livro “O Jardim” de Anna Walker, até à elaboração do portefólio e do cartaz coletivo de divulgação, foi notório o entusiasmo, a curiosidade e a capacidade reflexiva do grupo. As crianças demonstraram interesse em sair da instituição, em observar e explorar jardins na cidade, bem com, em partilhar as suas descobertas com os pares.

Considerando Estrela (2020), que defende que o espaço exterior deve ser entendido como um ambiente privilegiado para a aprendizagem e para o desenvolvimento integral da criança, que em contacto direto com a natureza, tem acesso a experiências que contribuem para a sua saúde, bem-estar, autonomia, capacidade de concentração, felicidade e para um crescimento equilibrado e harmonioso. A questão orientadora desta intervenção procura compreender qual o contributo dos jardins existentes na cidade para o brincar e para a descoberta de espaços naturais, sendo a partir dela que se definem os principais objetivos que norteiam esta proposta que passam por: *i)* sensibilizar crianças e

peças adultas que as acompanham para o valor dos espaços verdes urbanos, reconhecendo a sua importância não apenas para o lazer mas também para a saúde, o bem-estar e a educação ambiental; *ii*) promover momentos de observação, experimentação e descoberta em espaços ajardinados que permitam o contacto direto com a natureza; *iii*) desenvolver a capacidade de orientação e de reconhecimento de elementos naturais que funcionam como pontos de referência no espaço urbano, favorecendo uma relação mais consciente com o território em que se vive e *iv*) criar oportunidades para que o brincar nos jardins da cidade se torne uma prática quotidiana que contribua para a autonomia, a criatividade, a socialização e a valorização do património natural urbano.

Esta intervenção pedagógica permitiu sensibilizar para o valor dos espaços verdes na cidade, que Bento et al. (2017) afirmam que os “estímulos existentes” nestes locais, promovem a exploração e a curiosidade. O envolvimento ativo na criação dos materiais como o mapa do trajeto, os registos gráficos, os carimbos de folhas, a coleção da natureza e a pesquisa digital evidenciou o desenvolvimento de competências transversais, como a literacia visual, científica e tecnológica. Mais do que conteúdos, as crianças construíram sentido: atribuíram valor aos espaços naturais, reconheceram a sua importância para a biodiversidade e o bem-estar humano, e assumiram atitudes de respeito e cuidado com o ambiente. Esta intervenção demonstrou ainda a importância de abrir as portas da instituição à cidade, integrando o território local como espaço de aprendizagem e de descoberta. Os espaços verdes tornaram-se não apenas cenários, mas verdadeiros laboratórios vivos, onde o brincar, o imaginar e o investigar caminham lado a lado. As saídas ao Jardim da Sereia e ao Jardim Botânico da Universidade de Coimbra foram momentos-chave que proporcionaram experiências autênticas de exploração, favorecendo o desenvolvimento de competências cognitivas, sociais, motoras e expressivas. A curiosidade foi estimulada continuamente, e os espaços naturais tornaram-se o ponto de partida para novas descobertas, estimulando a abordagem de temas como biodiversidade, cuidados com os espaços naturais e sustentabilidade. O contacto com a natureza suscitou inúmeras aprendizagens e despertou uma consciência com o “Conhecimento do Mundo” aparente nos diálogos, atitudes e sugestões das crianças. O

entusiasmo das crianças ao longo das saídas foi revelador de uma forte apropriação da experiência, legitimando a continuidade da intervenção.

É no equilíbrio entre as propostas pedagógicas e o brincar na natureza, que se encontra o ritmo do dia (Sobel, 2020). Assim sendo, a intencionalidade educativa subjacente à proposta promoveu a observação, experimentação e descoberta de espaços ajardinados. As crianças evidenciaram capacidade de observação ao identificar elementos naturais e humanos, reconhecer e memorizar os espaços visitados e adotar comportamentos responsáveis, como o cuidado com as plantas e o ambiente. A exploração livre e criativa, em que as crianças atribuíram novos significados aos espaços, foi outra evidência da aprendizagem adquirida. Além disso, a intervenção contribuiu para várias áreas do desenvolvimento infantil, desde a promoção da observação atenta e do questionamento crítico sobre o ambiente natural, o estímulo à comunicação e expressão oral, à construção de relações emocionais positivas e ao desenvolvimento da motricidade e criatividade. Embora objetivo tenha sido alcançado, considera-se que a intervenção poderia ter proporcionado momentos de maior envolvimento com os espaços.

O grupo revelou capacidade para observar o ambiente e identificar elementos naturais, recorrendo à orientação e à utilização de referências presentes no espaço urbano. Para Silva et al. (2016), “o conhecimento das crianças sobre a paisagem local, ou seja, o reconhecimento dos seus elementos sociais, culturais e naturais e a interação entre eles, contribui para melhorar a ligação afetiva e pessoal com esta, alicerçando a identidade local e o sentido de pertença a um lugar. (p.90)”, esta conceção está implícita nos resultados da intervenção, tendo as crianças identificado, ao longo do tempo em que a mesma decorreu, elementos de referência. O grupo foi capaz de identificar elementos naturais em diversos momentos da intervenção, no registo dos mapas, nos diálogos, nos registos gráficos sobre a saída de campo 2 e até na organização e produção do portefólio.

Foi possível proporcionar tempo para que as crianças brincassem livremente nos jardins visitados. A brincadeira, aliada a uma participação ativa em múltiplos contextos, assume um papel central no desenvolvimento de competências como a criatividade, a resiliência e a capacidade de adaptação, essenciais ao processo de crescimento e aprendizagem da criança (Neto,2020). Durante as saídas, as crianças envolveram-se em brincadeiras livres, observações atentas e momentos de escuta ativa. A relação sensorial,

afetiva e cognitiva com o espaço natural foi significativa e transformadora. As visitas aos jardins, como o Jardim da Sereia e o Jardim Botânico, foram momentos centrais que evidenciaram o potencial da educação no exterior como forma de promover aprendizagens significativas. Verificou-se que na primeira saída de campo o grupo se mostrou condicionado pela falta de contacto com espaços naturais, uma vez que a pandemia Covid-19 não tinha permitido a sua saída da instituição. Tal refletiu-se na dificuldade que as crianças evidenciaram, no início, em explorar livremente o espaço. Em contrapartida, na segunda saída de campo o grupo revelou mais à vontade na exploração do jardim de forma livre e autónoma. Refletindo sobre as duas saídas de campo confirmou-se uma evolução ao nível do brincar no espaço exterior.

Após a apresentação e análise de dados, considera-se pertinente responder à questão que assinalou o início desta proposta. O contributo dos jardins da cidade para o brincar e a descoberta dos espaços naturais reparte-se em distintas conclusões. A preservação de espaços naturais em contexto urbano, sensibilizando para a importância dos espaços ajardinados e da sua utilidade pública. Durante a proposta foi evidente o contributo que os espaços naturais visitados proporcionaram na importância do brincar. A brincadeira é uma atividade natural às crianças, e segundo Neto (2020) “brincar é criar é criar um vínculo para se conhecer e dar a conhecer através de comportamento exploratório, num cenário de jogo incerto e inesperado.” (p.221), esta noção relaciona-se com a exploração do espaço, proporcionada pelo contributo que o contacto com os jardins da cidade tem na formação de cada criança, invocando as suas capacidades intrínsecas para brincar.

A metodologia adotada na proposta foi ativa, experiencial e integrada, promovendo a participação das crianças em todas as etapas, desde a planificação à execução. Para Portugal e Laevers (2018) “Falar de educação experiencial é falar de uma abordagem educativa que se organiza a partir de uma genuína atitude de atenção, respeito e confiança na criança.” (p.12) A participação ativa das crianças, desde a organização das atividades até a execução, foi um dos principais pontos fortes da intervenção, permitindo uma integração harmoniosa entre literacia, expressão artística e contacto com a natureza. A aprendizagem promovida foi rica e significativa, desenvolvendo competências transversais como autonomia, trabalho em grupo e

resolução de problemas. O brincar livre e a curiosidade natural das crianças, elementos fundamentais no contexto da educação pré-escolar, foram igualmente valorizados. As experiências ao ar livre também fortaleceram a relação afetiva das crianças com os espaços naturais, promovendo um vínculo mais profundo com o ambiente.

A avaliação da intervenção baseou-se na observação direta e contínua, permitindo à educadora estagiária monitorizar o nível de participação, interesse e expressão das crianças. A sensibilidade demonstrada ao respeitar o ritmo de envolvimento das crianças nas atividades foi uma característica positiva, embora o uso de ferramentas mais diversificadas de avaliação, como grelhas de observação, poderia enriquecer ainda mais o processo reflexivo e documentar de forma mais clara as aprendizagens emergentes.

Desde os primeiros momentos da intervenção, a escuta ativa e a preocupação com a participação das crianças foram evidentes, tendo estas colaborado na planificação das saídas, sugerido materiais e estratégias. Frases como “Tu levas um papel e uma caneta e escreves” ou “Levas um saco para trazer coisas” não só evidenciam o envolvimento cognitivo e afetivo das crianças, mas também refletem o desenvolvimento de competências práticas. Nas OCEPE (Silva et al. 2016) defende-se a valorização da voz da criança, a importância de partir dos seus interesses a fim de garantir a sua participação ativa no processo educativo, exercitando a autonomia, a antecipação e a capacidade de resolver problemas. As fases pós-visita, que incluíram o envolvimento ativo na criação de materiais como: a criação de mapas; carimbagens com folhas; a construção de um portefólio coletivo, com recurso a registos gráficos e pesquisas digitais, prolongaram e aprofundaram as aprendizagens, permitindo que as crianças reorganizassem as suas experiências e refletissem sobre elas. Neste contexto, as crianças reconheceram e valorizaram perspetivas diferentes das suas, compreendendo que cada pessoa tem um papel importante e contribui de maneira única para o grupo (Folque, 2014).

A intervenção possui aspetos positivos, como a participação ativa e a integração das ferramentas digitais. Destaca-se o papel das pessoas adultas enquanto facilitadoras e co construtoras de conhecimento, atentas às ideias, interesses e necessidades do grupo, promovendo um ambiente de escuta, diálogo e respeito mútuo. O sucesso da intervenção refletiu-se não apenas nos produtos finais, mas sobretudo no processo vivido, nas

relações fortalecidas e na alegria de aprender com e na natureza. No entanto, existem aspetos a melhorar nesta intervenção, como a necessidade de uma maior sistematização dos registos e instrumentos de avaliação, que tornariam as aprendizagens mais visíveis e fáceis de acompanhar. Além disso, o envolvimento mais direto das famílias poderia enriquecer a experiência, fortalecendo a ligação entre a instituição e o contexto familiar. A diversificação dos papéis atribuídos às crianças no pós-visita também poderia aumentar o sentido de responsabilidade e pertença, enquanto uma abordagem mais intencional à sustentabilidade poderia aproveitar o interesse gerado pela natureza para promover reflexões mais profundas sobre o cuidado com o Planeta.

Concluindo, a intervenção “À descoberta de espaços verdes na Cidade” foi mais do que uma simples sequência de saídas pedagógicas: foi uma experiência transformadora que proporcionou às crianças o contato com a natureza, oferecendo um ambiente pedagógico rico e centrado nelas. Ao combinar escuta, ação, arte, ciência e imaginação, a intervenção possibilitou oportunidades de aprendizagem mais vastas e integradas. Esta intervenção promoveu a noção de que a natureza se encontra em todo o lado e em tudo o que nos rodeia. “Mesmo que a nossa casa fique no meio da maior cidade do mundo, no meio de grandes avenidas cheias de carros, há sempre natureza lá fora. Há sempre céu e estrelas (mesmo que escondidos pelos arranha-céus), nuvens e chuva, árvores e flores, e animais, muitos animais” (Dias & Rosário, 2014). A continuidade de iniciativas como esta é fundamental para reforçar o papel da Educação Pré-Escolar na promoção de uma infância plena, curiosa e ativamente envolvida no seu ambiente.

## **CAPÍTULO 6 –CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A intervenção realizada permitiu confirmar que os jardins da cidade constituem espaços de grande valor para o brincar e para a descoberta da natureza. As crianças mostraram-se envolvidas, curiosas e atentas, reconhecendo nestes espaços oportunidades únicas para explorar, imaginar e aprender.

A Ordem dos Psicólogos Portugueses (2021) reconhece, com base em múltiplos estudos científicos, os benefícios consistentes do contacto com a natureza e com espaços verdes na promoção da saúde psicológica e do bem-estar dos indivíduos. Este contacto assume um papel fundamental, tanto na prevenção de problemáticas associadas à saúde mental, como na promoção de um equilíbrio psicológico saudável (p.10). Neste sentido, torna-se essencial valorizar os espaços verdes não apenas pelo seu contributo para a saúde mental e física, mas também enquanto cenários privilegiados para a aprendizagem e o desenvolvimento infantil. Estes ambientes naturais constituem verdadeiros contextos de descoberta, favorecendo a curiosidade, a investigação e a construção de crianças atentas, questionadoras e ativamente envolvidas no seu processo de aprendizagem.

De forma global, os objetivos delineados foram alcançados. As crianças foram sensibilizadas para a importância dos espaços verdes urbanos, demonstraram interesse e respeito pela natureza, observaram e experienciaram diferentes ambientes ajardinados, desenvolveram capacidades de orientação e de reconhecimento de elementos naturais, e usufruíram de momentos de brincar livre e significativo em contacto com o meio natural.

Apesar dos resultados positivos, importa reconhecer as limitações do projeto. O tempo disponível para a intervenção foi reduzido, em parte devido ao contexto pandémico vivido, o que restringiu a frequência e a duração das saídas ao exterior. O número limitado de saídas também impediu que a proposta fosse implementada de forma mais consistente, uma vez que seria benéfico que os contactos com os espaços naturais fossem mais regulares e num intervalo de tempo maior, permitindo uma observação mais detalhada dos comportamentos das crianças ao longo do tempo. Ainda assim, as experiências realizadas revelaram-se ricas e promotoras de aprendizagens.

Na obra *Brincar ao ar livre - oportunidades de desenvolvimento e de aprendizagem fora de portas* (Bento et al., 2017), as autoras destacam um conjunto de

experiências vividas por crianças e educadores em contextos naturais, que reforçam não só a importância de implementar propostas como esta, mas também as consequências positivas do contacto com ambientes naturais para o desenvolvimento holístico das crianças. Estas práticas, são o testemunho que é possível mudar a forma como está a ser praticada a Educação de Infância e planificá-la de forma a promover um contacto contínuo e significativo com ambientes naturais.

Enquanto futura educadora, pretendo continuar a valorizar o contacto com ambientes naturais, por acreditar que são espaços onde as crianças se aproximam da sua verdadeira essência, explorando livremente o mundo que as rodeia. Esta intervenção foi significativa, uma vez que permitiu mostrar as vantagens do contacto com a natureza no desenvolvimento das crianças, nomeadamente ao nível da criatividade, da motricidade, da socialização, da autonomia e da curiosidade. Conclui-se, assim, que a educação em ambientes exteriores deve ser entendida como um recurso pedagógico essencial, capaz de enriquecer o percurso das crianças e de contribuir para a formação de cidadãos e cidadãs que se pretende venham a ser, no futuro, mais conscientes e respeitadores da natureza.

Por fim, e considerando as experiências realizadas em contextos naturais, a presente intervenção revelou-se promotora de oportunidades significativas de contacto com a natureza, contribuindo para a valorização do ambiente natural enquanto contexto educativo. Neste enquadramento, os jardins urbanos destacam-se como espaços particularmente relevantes, não só por fomentarem o brincar e a exploração livre da natureza, mas também por desempenharem um papel ativo na preservação da biodiversidade. Enquanto espaços públicos multifuncionais, oferecem um vasto leque de possibilidades pedagógicas, constituindo-se como ambientes propícios ao jogo espontâneo, à investigação e à descoberta do mundo natural que rodeia as crianças.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

## Referências bibliográficas

- Bell, J. (1997). *Como Realizar um Projeto de Investigação: um guia para a pesquisa em ciências sociais e da educação*. Gradiva Publicações, S. A.
- Bilton, H., Bento, G., & Dias, G. (2017). *Brincar ao ar livre: Oportunidades de desenvolvimento e de aprendizagem fora de portas*. Porto Editora.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (2013). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora.
- Dias, M., & Rosário, I. (2014). *Lá fora: guia para descobrir a natureza*. Planeta Tangerina
- Estrela, M. (2020). Brincar ao ar livre – transformação das práticas pedagógicas no espaço exterior. *Cadernos de Educação de Infância*, 121, 11-14.
- Ferreira, A. I. (2021). *Brincar – do desenvolvimento à avaliação*. Manual de apoio à aprendizagem nº 1. Instituto Politécnico de Beja
- Folque, M. A. (2014). *O aprender a aprender no pré-escolar: o modelo pedagógico do movimento da escola moderna* (2ª ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Fonseca, K. (2012). Investigação – ação: uma metodologia para prática e reflexão docente. *Revista Onis Ciência*, 1 (2), 16-31. <https://revistaonisciencia.com/resumo-e-abstract-e2-02/>
- Hohmann, M., & Weikart, D. P. (1997). *Educar a Criança*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hanscom, A. J. (2022). *Descalços e Felizes* (3ª ed.). Livros Horizonte.
- Instituto da Segurança Social, I.P. (2014). *Guia prático - constituição de instituições particulares de solidariedade social*. Instituto da Segurança Social, I.P. [https://www.seg-social.pt/documents/10152/15030/constituicao\\_ipss](https://www.seg-social.pt/documents/10152/15030/constituicao_ipss)
- Latorre, A. (2005). *La investigación-acción* (3ª ed.). Editorial Graó.
- Marchão, A. (2021). A educação pré-escolar numa perspetiva de igualdade e equidade. Uma reflexão a partir do quadro legal. *EduSer*, 13(2). <https://doi.org/10.34620/eduser.v13i2.171>

Neto, C. (2020). *Libertem as crianças. A urgência de brincar e ser ativo*. Contraponto.

Ordem dos Psicólogos Portugueses (2021). *Evidência da Ciência Psicológica e Desafios Societais. A Importância dos Espaços Verdes para a Saúde Psicológica e o Bem-Estar*. Ordem dos Psicólogos. [https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/documentos/a\\_importancia\\_dos\\_espacos\\_verdes.pdf](https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/documentos/a_importancia_dos_espacos_verdes.pdf)

Portugal, G., & Laevers, F. (2018). *Avaliação em educação pré-escolar – sistema de acompanhamento das crianças*. Porto Editora.

Silva, I. (coord.), Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Ministério da Educação.

Sobel, D. (2020). *Lá em cima, o céu. Cá em baixo, a lama*. Associação de Profissionais de Educação de Infância (APEI).

### **Legislação consultada**

Lei n.º 5/97 da Assembleia da República. (1997). Diário da República n.º 34/1997, Série I-A. [Diário da República n.º 34/1997, Série I-A de 1997-02-10](#).

Lei n.º 46/86 da Assembleia da República. (1986). Diário da República n.º 237/1986, Série I. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/46-1986-222418>

Decreto-Lei n.º 54/2018 da Presidência do Conselho de Ministros. (2018). Diário da República: I Série, n.º 129. <https://data.dre.pt/eli/dec-lei/54/2018/07/06/p/dre/pt/html>

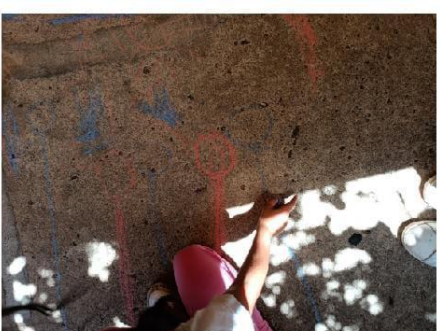
Lei n.º 1/2005 da Assembleia da República. (2005). Diário da República: I Série, n.º 155. <https://data.dre.pt/eli/leiconst/1/2005/08/12/p/dre/pt/html>



## **ANEXOS**



**ANEXO 1 - REGISTOS NO CHÃO FEITOS COM GIZ (FLORES, ÁRVORES, PÁSSAROS)**





## ANEXO 2 – MAPAS DOS PERCURSOS REALIZADOS





**ANEXO 3 – REGISTOS SOBRE O JARDIM BOTÂNICO**





## **APÊNDICES**

**Apêndice 1 – Planeamento da atividade leitura e exploração do livro “O Jardim”**

**Área(s) de conteúdo/domínio(s):** Área de Expressão e Comunicação e os domínios da Educação Artística (subdomínio das Artes Visuais) e da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

**Duração:** 45 minutos

**Data:** 9 de julho de 2021

Ponto de partida	Gestão dos recursos	Gestão do espaço e grupo	Proposta educativa	Avaliação
<p>O ponto de partida é a temática “a natureza”, abordado pelas crianças frequentemente aquando dos momentos no espaço exterior da instituição.</p> <p>Os livros de histórias também são algo que as crianças apreciam e demonstram interesse.</p>	<p><b>Recursos físicos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Espaço exterior, vulgo pátio;</li> <li>- O livro: “O Jardim” de Anna Walker da editora Fábula;</li> <li>- Giz;</li> <li>- Caderno e lápis;</li> <li>- Telemóvel.</li> </ul> <p><b>Recursos humanos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Grupo de crianças, a educadora, a auxiliar e as alunas estagiárias.</li> </ul>	<p>Durante a leitura da história as crianças estão na área exterior, sentadas no chão e dispostas em círculo.</p> <p>Após a leitura, o grupo de crianças vai ser questionado sobre o que ouvirem.</p> <p>Posteriormente, o grupo será convidado a elaborar desenhos com giz relacionados com os elementos da natureza que conhecem.</p>	<p>O livro é apresentado ao grupo e analisa-se a capa e contracapa. Lê-se a história e são mostradas as ilustrações. Após a leitura, é previsível que as crianças queiram comentar o que ouvirem e viram. É dada a oportunidade a todas as crianças para falarem.</p> <p>O grupo é questionado sobre o que ouviu, procedendo ao reconto da história.</p> <p>Após a análise da história, aborda-se o interesse das crianças pelo exterior, focando os espaços verdes.</p> <p>É feita às crianças uma proposta em que se sugere o desenho de elementos da natureza (no chão), com giz.</p>	<p>Através:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Da observação direta;</li> <li>- Dos registos contínuos da atividade (os desenhos);</li> <li>- Dos registos baseados nos comentários e opiniões das crianças.</li> </ul>





